

A casa do Corvo resulta de um conjunto de transformações e aperfeiçoamentos que ocorreram ao longo do tempo, chegando-se no século XIX ao que atualmente pode ser apontada como a casa vernacular da ilha. A evolução da casa do Corvo não terá acontecido de forma gradual e contínua, coexistindo várias tipologias e existindo períodos em que as transformações foram mais significativas e profundas que outros.

A primeira referência à tipologia de habitação corvina é feita no século XVI por Gaspar Frutuoso¹ que, no seu livro sexto das Saudades da Terra, refere a existência de *casas-palhaças*, sendo a igreja o único edifício coberto de telha; estas *casas-palhaças* seriam uma espécie de cabanas com paredes de alvenaria de pedra grosseira muito baixas e cobertura de palha de duas águas muito inclinada sobre uma armação rudimentar de madeira; teriam apenas uma abertura na fachada, uma pequena porta e só em alguns casos teriam mais do que uma divisória.

Já no século XVIII, e segundo o Padre António Cordeiro na sua *História Insulana daas Ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental*, esta é ainda a tipologia predominante naquela época, em que ele descreve as casas de paredes baixas, “*assaz grandes*”, com chão de terreiro e cobertura de palha sobre uma estrutura de madeira.

No século XIX, em que as transformações serão mais profundas, voltamos a encontrar referência direta ao tipo de habitação do Corvo na obra dos irmãos Bullar – *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas* –, que visitaram a ilha em 1838. Através do seu testemunho sabe-se que a maior parte das casas ainda apresentavam a pedra à vista e que algumas já tinham cobertura de telha grosseira; já existiam algumas casas de dois pisos com algo semelhante a uma cozinha² no piso térreo, com forno para o pão e, no piso superior, estariam os quartos e a sala. Nesta época nota-se ainda uma indefinição do espaço ocupado pela cozinha, que serve também de abrigo a pequenos animais e alfaia agrícola, o que só no século XX deixa de acontecer quando encontrámos a cozinha autónoma na sua forma e função; há também referência ao acesso ao piso superior, que era feito exclusivamente por uma escada exterior que terminava num pequeno patamar. Em 1871 sabe-se, através de António da Silveira Macedo que escreve a *História das Quatro Ilhas que formam o distrito da Horta*, que já todas as casas seriam cobertas de telha.

¹ Saudades da terra

² “por baixo existe uma espécie de cozinha ou alpendre aonde o porco vinha comer e as galinhas se empoleiravam á noitinha, existia um forno de cozer pão, uma lareira com cinzas ainda quentes, cinco ou seis pedaços de toucinho bem curados, dependurados de uma trave, coiros de boi no chão, uma grande enxada, cestos sujos e celhas com água” p. 215

O aparecimento de chaminés, a deslocação do forno para o exterior da cozinha, mantendo-se o acesso ao forno pelo interior e, ainda, a construção de pequenas escadas interiores de acesso ao piso superior, foram acontecendo de forma gradual e não é possível precisar no tempo, sendo certo que terá sido posterior à segunda metade do século XVIII.

Existem diversas características que tornam a casa vernácula do Corvo única, sendo a mais significativa o fato da cozinha se encontrar no piso térreo. Outras características a ter em conta são:

- Planta retangular ou em L com dois pisos;
- Paredes exteriores em alvenaria de pedra vulcânica local, mais tarde revestidas com argamassa, coexistindo as duas formas até aos dias de hoje;
- Paredes interiores e pavimento do piso superior em madeira, normalmente cedro-domato e pinho resinoso;
- Estrutura do telhado em madeira com cobertura de telha de canudo em cerâmica, de duas águas – era comum encontrar-se calhaus rolados nos telhados cujo peso diminuía o efeito destruidor dos ventos fortes que se verificam no inverno;
- Existência de um forno de lenha em todas as casas, interior ou exterior, acessível pelo interior da cozinha;
- Aparecimento muito tardio das chaminés (posterior a 1838) que apresentam uma tipologia muito variada; até então o fumo proveniente do forno escapava-se por entre as telhas, impossibilitando, durante muito tempo, a construção de piso superior sobre a área da cozinha, que constituía assim um pequeno corpo, mais baixo, com telhado de duas águas, encostado à empena do corpo principal da casa onde estavam as lojas e os quartos;
- Existência, em alguns casos, de palheiros anexos ou pequenos edifícios de apoio à agricultura;
- Existência no exterior de uma pocilga e chiqueiro;
- Uso predominante de madeira nos vãos e sistema de abertura de guilhotina, no caso das janelas;
- Cozinha e lojas no piso térreo, quartos e sala no piso superior;
- Acessos independentes e pelo exterior à cozinha e loja, mesmo quando as duas divisões têm ligação interior;
- Existência de escadas e patamar exteriores em todas as casas.